

AS TRANSFORMAÇÕES NO DISCURSO ANTI-CHBM, A GESTÃO DE SABERES DISCURSIVOS E OS PROCESSOS QUE DELA DERIVAM

TRANSFORMATIONS IN THE ANTI-CHBM DISCOURSE: THE MANAGEMENT OF DISCURSIVE KNOWLEDGE AND THE PROCESSES DERIVED FROM IT

Alessandro Nobre Galvão¹

Universidade Federal do Pará

Resumo: Este artigo investiga as transformações discursivas no movimento de recusa ao Complexo Hidrelétrico de Belo Monte (CHBM), destacando o papel do Movimento Xingu Vivo Para Sempre (MXVPS). A partir de uma análise fundamentada na Análise do Discurso Francesa (ADF), examinamos como diferentes formações discursivas convergiram no discurso de resistência liderado pelo MXVPS. O estudo analisa como a aliança entre diversos segmentos sociais, incluindo indígenas, ribeirinhos, agricultores e extrativistas, moldou o discurso de oposição ao CHBM, levando à reconfiguração das posições de sujeito e à gestão de saberes diversos no interior da Formação Discursiva Anti-CHBM. Os resultados destacam a dinâmica de resistência discursiva em contextos de conflitos socioambientais na Amazônia.

Palavras-chave: Análise do Discurso, Belo Monte, MXVPS, Formação Discursiva, Resistência.

Abstract: This article investigates the discursive transformations within the movement opposing the Belo Monte Hydroelectric Complex (CHBM), highlighting the role of the Xingu Vivo Para Sempre Movement (MXVPS). Through an analysis grounded in French Discourse Analysis (FDA), we examine how different discursive formations converged within the resistance discourse led by MXVPS. The study analyzes how the alliance among various social segments, including indigenous peoples, riverine communities, farmers, and extractivists, shaped the opposition discourse against CHBM, leading to the reconfiguration of subject positions and the management of diverse knowledge within the Anti-CHBM Discursive Formation. The findings highlight the dynamics of discursive resistance in contexts of socio-environmental conflicts in the Amazon.

Keywords: Discourse Analysis, Belo Monte, MXVPS, Discursive Formation, Resistance.

Submetido em 14 de setembro de 2024.

Aprovado em 24 de outubro de 2024.

¹ Doutor em Letras- Linguística, Universidade Federal do Pará. Atualmente, é professor associado I da Universidade Federal do Pará. Email: nobregalvao@ufpa.br.

1. Introdução

A construção da Usina Hidrelétrica de Belo Monte, situada na Bacia do Rio Xingu, é um dos projetos de infraestrutura mais controversos e debatidos na história recente do Brasil. O empreendimento, que visa à geração de energia elétrica em grande escala, enfrentou/enfrenta resistência significativa de diversos segmentos do tecido social, destacando-se entre eles o Movimento Xingu Vivo Para Sempre (MXVPS). Este movimento instituiu-se em resposta às ameaças ambientais e sociais que o projeto impõe, unindo comunidades indígenas, ribeirinhos, agricultores e extrativistas em uma aliança inédita na luta pela preservação do Rio Xingu.

O Encontro Xingu Vivo Para Sempre (EXVPS), realizado em maio de 2008, marcou um ponto de inflexão nessa luta, ao reunir diferentes segmentos sociais sob uma bandeira comum de resistência. A articulação desses grupos, antes dispersos, resultou na formação de uma frente unificada que desafiou diretamente as políticas estatais e as iniciativas privadas responsáveis pela implementação do Belo Monte. Nesse contexto, o papel do porta-voz do MXVPS emergiu como crucial, assumindo a responsabilidade de gerir e articular os saberes distintos que compõem essa aliança, transformando-os em um discurso coeso e mobilizador contra o Complexo Hidrelétrico de Belo Monte (CHBM). Este artigo se propõe a analisar as transformações discursivas operadas no discurso de recusa ao CHBM, a partir da emergência dessa aliança que culminou, por sua vez, na emergência do MXVPS. Baseados no edifício teórico da Análise do Discurso Materialista, especialmente pela mobilização de conceitos propostos por Michel Pêcheux e colaboradores, examinaremos como o discurso preservacionista foi reconfigurado para acomodar as formações discursivas oriundas de outras regiões no Interdiscurso.

A análise aqui desenvolvida visa a contribuir para o entendimento das dinâmicas de resistência discursiva em contextos de grandes empreendimentos na Amazônia, oferecendo uma reflexão sobre os mecanismos de gestão de saberes e de articulação política que emergem em situações de conflito socioambiental.

Em AD, a constituição do *corpus* é um processo dinâmico, que se molda continuamente ao longo da pesquisa, conforme as análises são realizadas. Ao contrário de outras ciências humanas, onde o *corpus* é frequentemente visto como um produto final, em AD, ele é considerado provisório e instável, adquirindo contornos a partir dos recortes feitos pelo pesquisador, levando em conta as determinações sócio-históricas que influenciam os processos discursivos.

Neste estudo, trabalhamos com um conjunto diversificado de materialidades discursivas, incluindo textos verbais e não-verbais, provenientes de diferentes instituições, como instâncias governamentais, setor privado, ONGs e o arquivo empírico do MXVPS. Para lidar com essa diversidade, utilizamos o conceito de "arquivo" de Pêcheux ([1982]/2010b), que compreende o conjunto de documentos disponíveis sobre uma questão específica, permitindo observar como se processam as práticas discursivas em uma dada formação social.

O *corpus* empírico deste estudo inclui materialidades simbólicas recolhidas de fontes variadas, como reportagens de jornais, documentos oficiais, entrevistas em portais de notícias, e material de divulgação produzido pelo MXVPS. A seleção dessas materialidades visa capturar as diferentes posições de sujeito que compõem o discurso de recusa ao Complexo Hidrelétrico de Belo Monte (CHBM).

Diferenciamos o *corpus* empírico do *corpus* discursivo, sendo este último constituído de forma dinâmica, conforme a análise avança. Para operacionalizar os dados, adotamos o procedimento de abordagem triangular proposto por Lagazzi (2005), que envolve a formulação de um objetivo, a delimitação do *corpus* e sua remissão às condições de produção. Utilizamos também o conceito de Orlandi (1984), que se refere a uma unidade discursiva – um fragmento da situação discursiva que não se confunde com a totalidade de enunciados que a constitui. Baseados em Indursky (1997), tratamos essa noção operacional de recorte como um eixo organizador das sequências discursivas, sistematizando-as pela fonte produtora, ano de divulgação e um breve resumo das condições de sua produção..

2. As transformações operadas no discurso de recusa radical ao CHBM

O EXVPS, ocorrido em maio de 2008, retoma uma luta contra o Estado brasileiro/setor privado, proponentes dos projetos hidrelétricos para os rios amazônicos, luta essa iniciada dezenove anos antes, cujo ápice foi, como já discutimos, o I Encontro. Temos aqui uma conjuntura bastante diferente daquela que propiciou a relação de antagonismo entre, de um lado, os Kayapós e, de outro, os Estado que pretendia construir a barragem no rio Xingu. Agora, temos, de um lado, não os Kayapós protagonistas de uma luta histórica, mas antes, uma aliança entre estes últimos e uma conjunção de segmentos que formam o chamado “povos da bacia do Xingu”. Assim como os Kayapós, tais

segmentos sociais estabelecem relações de dependência com o rio Xingu em seu estado natural, ainda que de formas bastante distintas.

Considerando o exposto, debruçar-nos-emos sobre as possíveis/prováveis transformações operadas no discurso de recusa radical ao CHBM, a partir do advento de uma aliança estabelecida entre posições de sujeito inscritas, cada qual, em distintas FD. Para tal, faremos um exercício de delimitação das categorias teóricas com as quais operamos neste trabalho. Introduzimos a categoria de formação discursiva (doravante FD), levando-se em consideração o fato de que ela é central nos estudos do discurso e é em torno dela que os demais conceitos se organizam. Para compreendê-la, basear-nos-emos nos estudos pontuais de Indursky (1997) e Indursky (2011) sobre o conceito de FD e mais centralmente em um dos capítulos de Semântica e discurso (PECHÊUX, [1975]/2009).

O indivíduo se constitui em sujeito de seu discurso como resultado do trabalho de um mecanismo de produção de duas evidências: a do ego imaginário (efeito-sujeito) e a da transparência dos sentidos. Como já fora apontado, é a ideologia que desnuda o caráter material do sentido e sua dependência ao todo complexo das formações ideológicas (FI).

Segundo Pêcheux ([1975]/2009, p. 147), duas teses ajudam a explicar a natureza da dependência acima exposta: a) o sentido de uma palavra, expressão ou proposição é determinado pelo complexo das FI; b) a ideologia ou o conjunto das FI, ao mesmo tempo em que impõe ao sujeito sua realidade como ego-imaginário e o sentido como transparente, dissimula para ele esse funcionamento. Com base nisso, compreendemos que “as palavras, expressões, proposições mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam, o que quer dizer que elas adquirem seu sentido em referência a essas posições”, que, como sabemos, são determinadas pelas FI. Dito de outro modo, uma palavra adquire seu sentido em referência à FI que sustenta a posição ocupada pelo sujeito discursivo.

Pêcheux recupera em Foucault o conceito de FD para pensá-lo justamente como a instância que determina a constituição do sujeito e a produção do sentido. Em outras palavras, uma FD representa na linguagem a FI da qual depende (esta última, como já dissemos, determina a posição que deve ocupar o sujeito ao dizer “eu” numa dada conjuntura, determinada pelo estado de luta de classes). Uma FD, portanto, impõe ao sujeito o que pode e o que não pode ser dito. No dizer do filósofo, “as palavras, expressões, proposições recebem seus sentidos da FD na qual são produzidas” (PÊCHEUX, [1975]/2009, p. 147), e isso implica considerar uma costura teórica por meio da qual se

entende que a FD, como estando intrincada e determinada pelo complexo das FI, é responsável pela interpelação dos indivíduos em sujeito do discurso e pelo apagamento tanto dessa interpelação quanto do caráter material do sentido. Esse apagamento é teorizado como o esquecimento nº 1, aquele que recalca para o sujeito sua dependência a uma FD, e como o esquecimento nº 2, aquele que faz o sujeito ter a impressão da realidade do pensamento ou a visão de que as palavras são transparentes.

Com a introdução do conceito de FD, Pêcheux nos esclarece sobre o fundamento dos efeitos de sentido agora pensados como processos discursivos, isto é, como “relações de parafraseamento interiores à *matriz* de sentido” (PÊCHEUX, [1975]/2009, p. 14). Em outras palavras, o efeito de sentido deriva da relação estreita que significantes mantêm entre si no interior de uma dada FD, o que desemboca na seguinte questão: significantes idênticos podem apresentar sentidos diferentes sempre que se inscreverem em FD distintas, por outro lado, significantes diferentes podem apresentar mesmo sentido caso estejam inscritos em uma mesma FD.

Sistematizando o conjunto de informações teórico-conceituais até aqui apresentadas, entendemos que o interdiscurso, constituído como uma memória que abriga a totalidade dos dizeres possíveis em uma dada formação social, fornece os saberes a cada FD na forma de pré-construído ou na forma de articulação/efeito de sustentação/discurso transversal. É isso que leva o filósofo a considerar o interdiscurso como o “todo complexo com dominante das FD”. Portanto, o interdiscurso é o construto teórico que representa o exterior específico de cada FD, ou seja, sua historicidade. Ao mesmo tempo em que uma FD aponta para o caráter material do sentido, posto que este último se constitui na relação com um já-dito lá do interdiscurso, ela contraditoriamente esconde essa dependência ao impor para o sujeito “sua ‘realidade’ enquanto sistema de evidências e de significações percebidas – aceitas- experimentadas” (PÊCHEUX, [1975]/2009, p. 149).

Indursky (1997) reforça que o pré-construído é o elemento que permite à FD se relacionar com seu exterior entendido como o interdiscurso. Desse modo, as FD perdem seu estatuto de blocos de saber homogêneos e fechados, uma vez que aí se instala uma instabilidade: as fronteiras de cada FD são porosas e permitem que saberes oriundos de outras FD, intrincadas no complexo com dominante do interdiscurso, invadam seu domínio, fazendo, segundo Indursky (1997, p. 34), “aparecer a ideia de uma espécie de vacilação discursiva que *afeta dentro de uma FD as sequências situadas em suas fronteiras*”. Ainda na percepção da autora,

uma FD deve ser entendida como dois ou mais discursos em um só, *estabelecendo a contradição como seu princípio constitutivo*. Pode-se dizer que *uma FD é uma unidade dividida e heterogênea. Seu contorno é fundamentalmente instável, pois não há limites rígidos a separar os elementos internos de seu saber daqueles que lhes são exteriores*. O domínio de saber de uma FD funciona como um princípio de exclusão do que nela não é formulável, em função da FI de que provém (INDURSKY, 1997, p. 35, grifos da autora)

Pêcheux ([1975]/2009), baseado em Althusser, vai chamar de forma-sujeito a forma histórica pela qual o sujeito do discurso se relaciona com a FD. Com esta noção, rompendo com todas as propostas idealistas de concepção do sujeito enquanto unidade e fonte original do sentido, restitui-se a alteridade e a dimensão psicanalítica da constituição da subjetividade. O sujeito se imagina como EGO e, não reconhecendo sua relação com o Outro ou a forma-sujeito, acredita-se livre, no entanto o que se marca é sua livre submissão.

Reformulando a questão, o sujeito do discurso estabelece um tipo de ligação com a FD que o domina via forma-sujeito. No entanto, essa ligação sempre se faz por uma tomada de posição que sinalizará para a produção do *efeito-sujeito* (que é, como vimos, o resultado do processo de assujeitamento discursivo). A posição-sujeito, consoante Pêcheux (2009), sinaliza justamente para a fragmentação do sujeito universal ou a forma-sujeito da FD que regula o dizer. Postula-se então que o desdobramento constitutivo do sujeito discursivo em sujeito enunciador que toma uma posição em relação à FD que o domina, via forma-sujeito, pode, segundo Pêcheux (2009), assumir as seguintes modalidades:

- a) a identificação plena ou a *superposição* entre o sujeito do discurso e o sujeito universal, pela qual o primeiro se identifica plenamente com a forma-sujeito da FD que regula seu dizer; um total recobrimento sob a forma do “livremente consentido” que caracteriza o discurso do *bom sujeito*;
- b) a contra-identificação, pela qual o sujeito discursivo questiona, duvida, distancia-se do sujeito universal, o que caracteriza, no dizer do filósofo, o discurso do *mau sujeito*, instaurando-se mais fortemente a heterogeneidade e a contradição constitutivas da FD e, por consequência, da forma-sujeito que organiza seus saberes;
- c) a desidentificação, pela qual o sujeito discursivo se afasta radicalmente da forma-sujeito de uma FD e ao mesmo tempo desliza para identificar-se com a forma-sujeito de outra FD e, no dizer do filósofo, não se pode entender que esta terceira modalidade aponte para uma dessubjetivização do sujeito, posto que “esse efeito de desidentificação se realiza paradoxalmente por um *processo subjetivo de apropriação dos conceitos científicos e de identificação com as organizações políticas ‘de tipo novo’*” (PÊCHEUX, [1975]/2009, p. 202).

Indursky (2011), apoiando-se nos postulados pecheutianos sobre a relação de metáfora, sistematiza o funcionamento discursivo dos deslizamentos que podem ocorrer a partir da tomada de posição do sujeito. De acordo com a autora, chamamos de relação metafórica aquela em que uma palavra ou expressão é retomada por outra, mas o sentido de ambas permanece o mesmo, já que, nesse caso, a matéria significativa adquire seus sentidos a partir da mesma posição-sujeito ligada a uma mesma FD (relação de parafrase perfeita). Recapitulando questões assinaladas anteriormente, consideramos que nessa relação metafórica funciona a pleno vapor o efeito do pré-construído que, como sabemos, constitui-se como um saber exterior e anterior que se encaixa no enunciado do sujeito discursivo, mas que é percebido como produto de uma interioridade. Reformulando: sempre que na produção discursiva a materialidade simbólica for cambiada, mas o efeito de sentido permanecer o mesmo, diremos que o sujeito aciona e encaixa em seu enunciado para significar o mesmo pré-construído, o que implica dizer que o sujeito do discurso se relaciona de forma plena com a forma-sujeito da FD que o determina.

Um outro funcionamento da metáfora assinalada pela autora diz respeito a uma tensão que ocorre no âmbito de uma mesma FD. Nesse caso, o processo metafórico não trabalha mais sob a forma de uma palavra pela outra, mas na forma de um efeito de sentido por outro efeito de sentido, indicando que o sujeito discursivo interroga, denega, contradita os saberes organizados pela forma-sujeito da FD que o determina. Trata-se de um funcionamento específico chamado de efeito metafórico em que, no interior de uma mesma matriz de sentido, uma posição sujeito desliza para outra posição sujeito. Diferentemente do processo metafórico pleno, o sujeito, ao deslizar de uma posição a outra, não apaga os saberes constituídos pela posição com a qual conflita. Pelo contrário, para que seu discurso faça sentido, é preciso que ele acione desde o interdiscurso uma base de sustentação que ressoa em seu dizer, ainda que formalmente intangível. Trata-se do funcionamento do discurso-transverso que é um tipo de pré-construído que foi objeto de asserção em outro lugar.

Ao mobilizarmos tais conceitos, examinaremos a possibilidade de invasão de novos saberes no interior da FD preservacionista, uma vez que cada segmento (ribeirinho, extrativista, agricultor, cidadão) implica a existência de posições de sujeito determinadas por outros domínios de saber que não a FD preservacionista. É preciso, portanto, descrevermos cada um desses segmentos, identificando, no discursivo, as posições de sujeito que representam, bem como suas determinações ideológicas. Desta feita,

poderemos vislumbrar a possibilidade de fragmentação da forma-sujeito da FD preservacionista, o que instituiria diferentes posições de sujeito em seu interior. Caso isso se confirme, cabe-nos, ainda, a tarefa de descrever a natureza de cada uma dessas posições de sujeito, isto é, o modo como cada uma delas se relaciona com a ideologia.

A abertura do EXVPS no dia 19 de maio de 2008 foi marcada pela apresentação performática das lideranças indígenas e das lideranças ribeirinhas. Os primeiros entraram na quadra do ginásio poliesportivo de Altamira com cânticos de guerra e uma dança ritual. Os segundos entraram encenando um ritual que remete ao cotidiano do ribeirinho em sua canoa, lançando-se ao rio Xingu. No dia 20 de maio, os organizadores do evento projetaram em um telão as imagens do I Encontro e a clássica cena do gesto de Tuíra. Em seguida, a referida índia apresenta-se à audiência com suas pinturas e adornos de guerreira, movimentando seu facão incisivamente e proferindo um texto em sua língua Kayapó. Esses diferentes momentos foram capturados no vídeo do EXVPS e convertidos em frames fotográficos a fim de que possamos analisá-los. A eles juntamos a foto do cartaz convite do evento que dispomos em nosso banco de imagens do EXVPS. Consideramo-los como materialidades discursivas fotográficas, que agruparemos segundo o critério da paráfrase discursiva. Vejamos os recortes:

Figura 1 – Índia Tuíra no EXVPS



Fonte: Arquivo do MXVPS

A performance da índia capturada por essa foto funcionou como um gatilho que reativou a memória do I Encontro e o que se consagrou como uma resposta simbólica dos índios Kayapós ao governo Sarney: “não queremos barragem!”. No imaginário dos índios e dos diversos grupos que apoiam a causa indígena, essa imagem da índia com seu facão golpeando o ar e proferindo um veemente discurso, entendido como uma censura aos planos de barrar o rio Xingu, representa a força indígena e, ao mesmo tempo, o epitáfio do megaempreendimento. A encenação ritual do gesto da índia produz um efeito de memória - na conjuntura da rerepresentação do projeto Belo Monte, conclamando os diversos segmentos impactados a defender o rio Xingu das forças que o ameaçam.

Nas palavras de Pêcheux (2007, p. 52),

A memória discursiva seria aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem a restabelecer os “implícitos” (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos transversos, etc..) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível.

Nesse sentido, a memória trabalha sobre a atualidade, mas com transformações que não chegam a instituir um novo acontecimento discursivo, como se verá nas análises subsequentes.

Figura 2 – Cartaz convite do EXVPS

Figura 3 – Dança de guerra dos índios Kayapós na abertura do EXVPS



Fonte: Arquivo de fotos do MXVPS

Figura 4– Performance de pescadores na abertura do EXVPS



O cartaz convite do EXVPS se apresenta como um chamamento à população altamirense e adjacências a participar do evento. Em seu topo, há indicação dos grupos que propõem o convite: “povos indígenas e movimentos sociais da bacia do Xingu”. Logo abaixo da logomarca do encontro, lê-se: “Discussão sobre os projetos hidrelétricos do Xingu - POVOS UNIDOS PELO XINGU”. Por fim, no rodapé do cartaz indicam-se nominalmente os grupos sociais, as entidades e instituições políticas que apoiam o evento.

Focalizando, primeiramente, o texto-imagem, separamo-lo em dois planos: no primeiro, figuram três personagens identificáveis apenas pelo contorno de suas sombras projetadas pelo efeito do pôr-do-sol; já no segundo, figura o rio caudaloso que supomos ser o Xingu. A representação das personagens encontra eco nas imagens estereotipadas de três indivíduos, a saber, o índio com seu clássico formato de corte de cabelo, portando sua lança e seu arpão de pesca, do seu lado, supomos, um agricultor familiar/extrativista identificável pelo chapéu de palha e, mais próximo do segundo plano, o ribeirinho/pescador também com seu chapéu de palha, mas portando como item diferenciador seu remo.

Acreditamos que o projetista da imagem buscou diferenciar o segundo indivíduo do terceiro, já que ambos parecem usar o mesmo chapéu de palha, pela relação dentro/fora do rio: ribeirinho trabalha dentro do rio e o agricultor trabalha nas terras à margem do rio. Os três estão de frente para o Xingu, o que sugere uma atmosfera de contemplação do elemento natural que os une em suas diferenças.

As fotografias 3 e 4 representam recortes de momentos do EXVPS em que se reforça, à audiência, quais grupos serão impactados pelos projetos hidrelétricos planejados para o rio Xingu. Ambas as apresentações sinalizam a disposição de povos distintos em lutar pela manutenção do estado natural do rio Xingu. Destaque para a apresentação dos ribeirinhos que evidenciou, com a encenação do homem na canoa, a importância do rio como fonte de sua subsistência. Faremos uma análise em conjunto das três materialidades, tomando-as como fundadoras de uma imaginária aliança que o evento costura entre diferentes povos.

Em nossas observações, identificamos que essa aliança encontra um reforço parafrástico na materialidade linguística -“POVOS UNIDOS PELO XINGU”- que no cartaz do evento aponta justamente para uma discursividade em transformação: o discurso de recusa radical ao CHBM é tomado como o discurso de uma coletividade mais ampla, referenciando outros sujeitos não indígenas. Aliás, a própria indeterminação de POVO permite que seu escopo referencial seja justamente preenchido discursivamente a partir daquelas apresentações e das três personagens esboçadas no cartaz. Dito de outra maneira, se outrora, por ocasião do I Encontro, a luta contra os projetos de barragem era a luta do povo Kayapó, com esta nova aliança forjada no/pelo EXVPS, o substantivo “povo” amplia seu escopo referencial, que será preenchido a partir de diversas práticas discursivas pontuais como esta da narradora em *off* do vídeo do EXVPS:

	Documentário EXVPS – 2008 – texto de abertura do documentário lido pela narradora em <i>off</i>
SD1	A bacia do Xingu é tudo que temos de mais valioso e que a natureza nos deu. Ela representa a continuidade da vida dos peixes e dos animais e a nossa própria de índios e ribeirinhos . Temos de resistir sem medo de defender o nosso bem maior que é o rio Xingu. Queremos ele vivo. Não estraga, preserva! Não queremos barragens. Deixa como está.

Nesta SD, observamos o sujeito discursivo costurar uma relação de aliança entre posições de sujeito inscritas em distintas FD². Diríamos que, neste recorte, há o trabalho de uma formação ideológica projetando duas FD com saberes diferenciados, mas que projetam, no discursivo, uma relação de aliança. Essa imaginária aliança estabelecida entre distintas posições de sujeito, inscritas, cada qual, em diferentes FD, é sustentada por um elemento exterior e comum, qual seja, a necessária relação de subsistência/existência dos povos da floresta com a bacia do Xingu. Para o sujeito discursivo, tanto os índios quanto os ribeirinhos partilham esse mesmo “bem maior”, portanto, precisam unir forças para “resistir sem medo”. Assume, portanto, a posição enunciativa de representante dos dois segmentos em comento e conclama-os à resistência contra o projeto Belo Monte, pois identifica a existência de um desejo comum, qual seja, o de manter o rio Xingu vivo, e ainda define uma posição comum ao coletivo representado: “não queremos barragens”. Estabelece-se nesta frente de resistência um pressuposto tido como real, qual seja, o de que a barragem, ao modificar as características originais do rio Xingu, destruirá, por tabela, a vida de todos os que direta ou indiretamente dele dependem para sobreviver.

Se, como estamos considerando, o sujeito discursivo desta SD projeta, no imaginário, uma relação de aliança entre diferentes posições de sujeito inscritas em diferentes FD, torna-se imperativo examinarmos cada uma dessas posições de sujeito, considerando suas determinações ideológicas e os processos discursivos que implicam. Desse modo, poderemos identificar, no dizer de todo e qualquer sujeito que ocupe a posição enunciativa de porta-voz dos povos atingidos pela barragem, quais indícios apontam para a fragmentação da forma-sujeito da FD preservacionista, que, como já pontuamos, organiza os saberes originais do discurso de recusa radical ao CHBM. Todo esse percurso analítico nos ajudará na identificação das transformações discursivas operadas nesse discurso.

3. Outras formações ideológicas que implicarão mudanças nos saberes da FD preservacionista

A costura imaginária de uma aliança entre diferentes posições de sujeito, tal como identificamos, entre outros recortes discursivos, pela ampliação do escopo referencial de POVO no cartaz convite do EXVPS, abarcando outros segmentos atingidos pelo CHBM,

² No subtópico seguinte, examinaremos cada uma dessas FD.

sugere que a forma-sujeito da FD preservacionista sofre uma fragmentação. Conseqüentemente, há, como já dissemos, a invasão de saberes externos a essa FD, isto porque cada segmento impactado, ao representar uma posição de sujeito afetada por uma FD específica, trará para o interior da FD preservacionista um recorte ideológico particular que precisa ser administrado pela forma-sujeito de modo a diminuir as chances de um conflito ideológico interno causado pelas particularidades das razões a que cada grupo representado aponta para dizer não à Belo Monte. Caberá a nós o exame da gestão desses saberes pelo sujeito que assume o discurso de recusa radical ao CHBM, mas, antes, precisamos compreender os referidos recortes ideológicos e as referidas posições de sujeito afetadas por tais formações ideológicas. Para tanto, recorreremos a trechos de entrevistas ou depoimentos concedidos por ribeirinhos - pescadores e agricultores – ao portal G1 e ao site Observatório da Sociedade Civil, que nos fornecerão pistas discursivas para compreendermos a necessária relação imaginária destes com o real de sua existência. Vejamos os recortes seguintes:

	Portal G1 – 2016 – entrevista com agentes impactados pelas obras de Belo Monte - caravana caminhos do Brasil
SD2	Repórter: Antes da construção da hidrelétrica, o que vocês faziam? Pedro Nascimento: Nós vivíamos da roça, da pesca. De tudo ganhávamos dinheiro e agora? Está tudo parado. Não sei fazer nada. Nossa roça de cacau criou mato. Agora que os meninos começaram a limpar de novo.

	Portal G1 – 2016 - entrevista com agentes impactados pelas obras de Belo Monte - caravana caminhos do Brasil
SD3	Repórter: O que a Senhora sente por saber que vai ter que sair daqui? Entrevistado: Eu não me sinto muito bem não, porque eu nasci aqui, meus filhos e netos também nasceram e se criaram aqui. Se eu sair daqui não sei para onde vou.

	Observatório da Sociedade Civil – 12/06/2016 - reportagem sobre a remoção forçada de ribeirinhos pelo consórcio construtor de Belo Monte.
SD4	“Não foram só as máquinas chegarem e derrubarem as casas, foi a destruição dos nossos sonhos, dos vínculos de amizade. Para a Norte Energia, não existe direito. Eu olho para um lado e não vejo mais meu filho, olho para o outro e não está

	mais o meu compadre, olho para frente e não tem mais o agente de saúde, nem o vizinho que rezava ”, disse o pescador Hélio Alves da Silva, um dos moradores de Santo Antônio, a comunidade dissolvida há três anos.
--	--

	Observatório da Sociedade Civil –12/06/ 2016 - reportagem sobre a remoção forçada de ribeirinhos pelo consórcio construtor de Belo Monte.
SD5	O pescador José Arnaldo da Costa Pereira recebeu R\$ 24 mil por tudo que conquistou em uma vida de trabalho. Mas não é a quantia irrisória que o incomoda. “Tiram a gente do sossego da gente, onde a gente tem nossos pés de macaxeira, nossas galinhas, onde nasceu e criou os filhos para mandar a gente pra cidade e ficar naquela zoada, com ladrão para todo lado. Eu sou pescador e não tenho de onde tirar meu sustento a não ser no rio ”, disse à equipe de inspeção

É flagrante a relação de dependência sócio-econômica e afetiva dos sujeitos entrevistados em SD1 e SD5 com o rio Xingu e por extensão com as terras que o margeiam. Por meio da atividade da pesca ou da colheita, pescadores e agricultores fazem girar a engrenagem de um modo de produção marcado por uma economia mista de subsistência-venda. Reparemos que face a essas condições materiais de existência, os sujeitos constituem o imaginário segundo o qual o rio e a terra são as únicas vias possíveis de sobrevivência. Em outras palavras, o dizer desses sujeitos inscreve-se numa formação ideológica segundo a qual a bacia do Xingu é lugar de existência e seus recursos, fonte de subsistência. Entenderemos, portanto, que os sujeitos dessas SD assumem uma posição de sujeito inscrita na FD de subsistência que regula o discurso de subsistência dos povos da bacia do Xingu. Os saberes que fundamentam esta FD produzem o efeito de verdade segundo o qual o rio Xingu é a única via possível de sobrevivência, tal como pode-se constatar no trecho: **“Eu sou pescador e não tenho de onde tirar meu sustento a não ser no rio”**. E mais: projeta-se a partir da interpelação ideológica um futuro de incertezas (e agora?) com a perda de seu modo de vida, pois ele **“não sabe fazer nada”** fora do seu *locus vivendi*.

Em SD3, vemos que neste mesmo imaginário o sujeito estabelece um forte vínculo emocional com a topografia xinguanas de modo que sua remoção também projeta um futuro

de incertezas: “não sei para onde vou”. Em SD4, o rio e a terra constituem o cenário no qual os moradores estabelecem vínculos de sociabilidade e de afetividade.

Diante do exposto, compreendemos que para esses sujeitos a barragem representa tanto a dissolução do seu tradicional modo de produção como a destruição do seu modo de sociabilidade, pois a construção da hidrelétrica, ao modificar a característica natural do rio (seu sistema de cheias e secas, a dinâmica de sua vazão), provocará a inundação das terras ribeirinhas e a conseqüente inviabilização da continuidade do *modus vivendi* tradicional das comunidades dos pescadores e agricultores. Sustentamos, portanto, que no imaginário dos povos da floresta, o CHBM representa a destruição da vida, não exatamente só a vida do rio, mas da vida significada como *modus vivendi* tradicional que abarca tanto um tipo de economia tradicional quanto um tipo de dinâmica de sociabilidade. No imaginário desses sujeitos, produz-se o efeito de sentido de uma relação metonímica, em que a destruição do rio é a destruição do povo que dele depende.

Voltemos nossa atenção para outro segmento também impactado pelo projeto Belo Monte. Trata-se dos moradores tradicionais das reservas extrativistas (Resex) do Rio Xingu, do Rio Iriri e do Anfrísio. As razões pelas quais esse grupo recusa Belo Monte são distintas e merecem um exame à parte. Do mesmo modo, buscaremos identificar o funcionamento discursivo dessa rejeição e para tal recorreremos a recortes da carta produzida pelas associações de extrativistas (AMOMEX, AMORERI e AMORA) e entregue ao presidente do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), Roberto Vizentin. Nesta carta, as lideranças das referidas Resex expõem os impactos que as obras de Belo Monte lhes têm causado e reivindicam ao ICMBio que solicite ao IBAMA ações imediatas de mitigação para melhoria da vida dos moradores da terra do meio³. O recorte discursivo seguinte constitui-se de SD extraídas da referida carta.

	Carta das Resex ao ICMBio – 2015 – Carta dos moradores das Resex ao presidente da ICMBio apresentando o conjunto de impactos sociais provocados por Belo Monte.
SD6	Estamos vivenciando uma situação de significativa piora no acesso ao sistema de saúde pública durante os últimos três anos. O aumento do fluxo populacional em consequência da construção da usina vem gerando pressão nos hospitais e postos de saúde na cidade de Altamira, tendo como principal consequência a

³ Esta é a designação para referir os moradores das reservas extrativistas.

	superlotação , aumentando muito o tempo para o atendimento na cidade e muitas vezes não conseguindo o atendimento necessário.
--	--

	Carta das Resex ao ICMbio – 2015 - Carta dos moradores das Resex ao presidente da ICMbio apresentando o conjunto de impactos sociais provocados por Belo Monte.
SD7	<p>Também nos sentimos impactados com os processos de negociação das casas urbanas que nós ribeirinhos possuímos e que estão sendo removidas pela Norte Energia, nas áreas inferiores à cota 100. Essas casas na cidade são as nossas casas de apoio para os donos e seus familiares que vem à cidade, inclusive sendo usadas pelos filhos mais velhos quando vem estudar em Altamira (principalmente no ensino médio).</p> <p>Durante o processo de cadastramento dos imóveis e de negociação com a Diagonal (representante da Norte nos processos de realocação), muitos ribeirinhos escutaram que não teriam direito a uma casa no reassentamento urbano pois já possuíam uma casa na Resex e que a casa na cidade não era considerada “moradia permanente”.</p> <p>Nosso modo de vida, particular e específico, foi desconsiderado nesse processo pois a Norte Energia considera moradia apenas o local habitado permanentemente ao longo do ano pelos moradores. Essa falta de sensibilidade para as particularidades da região por parte da Norte Energia gerou muito desgaste para nós.</p> <p>Muitos dos proprietários de casas dos baixões que acabaram depois de processos de argumentação e resistência conseguindo casas nos bairros novos (RUCs) hoje se mudaram e sentem desconforto pois essas casas não garantem a manutenção do nosso modo de vida original, pois ficam muito distantes do rio. Antes, chegávamos das Resex e podíamos ir a pé para nossas casas e, perto da rua peixaria, vender o pescado que trazíamos, por exemplo. Além disso, as casas eram próximas do centro, fundamental para o acesso à rede de serviços públicos da cidade.</p>

As referidas SD tomadas em conjunto nos fornecem pistas discursivas que remetem a uma posição de sujeito inscrita em uma FD distinta daquela que determina, por exemplo, os dizeres dos indígenas, dos agricultores e dos ribeirinhos. Trata-se de uma FD que projeta uma formação ideológica segundo a qual a existência do sujeito se representa

na evidência de um modo de vida marcado pelo fluxo sazonal de pessoas das reservas para a cidade e vice-versa. Nem totalmente lá nem totalmente cá: o sujeito se percebe nessa dinâmica natural de viver e produzir na floresta e viver, vender, estudar e se tratar na cidade. No jogo tenso das posições discursivas, aquele que se inscreve na posição de sujeito extrativista enxerga essa dinâmica como sendo afetada pela instalação da hidrelétrica, pois o efeito colateral provocado pelo empreendimento, qual seja, o aumento do fluxo populacional na cidade de Altamira, dificulta o acesso aos hospitais da cidade, impede o acesso dos filhos de extrativistas ao sistema escolar quando lhes retiram as casas de apoio na cidade, os submete a situações de violência. No trecho “a Norte Energia considera moradia apenas o local habitado permanentemente ao longo do ano pelos moradores”, o sujeito discursivo nos dá acesso ao pré-construído que justamente representa a posição de sujeito do empreendedor: a Norte Energia desconsidera o modo de vida extrativista (nesse movimento Resex-cidade), ao retirar-lhes o direito do reassentamento, pois para o empreendedor moradias sazonais não entram nos critérios de indenização. Isto aponta para a existência de forças desiguais lutando na estrutura social (poder econômico x povos das Resex).

Em suma, para o sujeito extrativista, o CHBM representa a destruição de um *modus vivendi* particular por meio do qual o indivíduo constitui sua identidade e representa imaginariamente como única via de existência.

Neste ponto de nossa discussão, já temos condições de elaborarmos um quadro esquemático das FD, das posições de sujeito e dos saberes que determinam os enunciados de sujeitos discursivos outrora examinados:

FD1	Posição de sujeito:	Saberes discursivos:
	eu dependo do rio Xingu para prover minha subsistência	O rio Xingu é a única via possível de subsistência.
FD2	Posição de sujeito:	Saberes discursivos:

	eu dependo do rio Xingu para manter meu vínculo de subsistência e afetividade com a terra e manter meus laços de sociabilidade.	O rio Xingu, em seu estado natural, garante nossa relação subsistente e afetiva com o <i>locus vivendi</i> e com o outro.
FD3	Posição de sujeito:	Saberes discursivos:
	eu dependo do rio Xingu para manter meu modo de vida marcado pelo fluxo sazonal Resex-cidade que nos permite subsistir/existir	O rio Xingu garante a relação subsistir/existir a partir da dinâmica de viver-produzir na floresta e viver-vender-estudar-tratar-se na cidade.

4. Considerações finais

De tudo quanto foi exposto, é possível concluirmos que a nova conjuntura do EXVPS propiciou a irrupção de uma frente de resistência marcada pela aliança forjada no imaginário entre diferentes posições de sujeito oriundas de domínios de saber diferenciados. Os organizadores do referido evento recuperam o discurso de recusa radical, mas operando transformações que repercutem em seu repertório de saber e na forma-sujeito que o determina. Dito de maneira mais específica, opera-se, com a instituição dessa nova frente coletiva de luta, uma invasão de outros saberes oriundos de FD externas à FD preservacionista e a fragmentação da forma-sujeito desta última FD, que passa a abrigar, além da posição de sujeito indígena, outras posições de sujeito, a exemplo da ribeirinha, da extrativista, da cidadina. No entanto, apesar dessas transformações, o retorno do discursivo, transformado pelas novas condições de produção, sobre a memória não foi capaz de romper com o processo da repetibilidade, desestabilizando-a. Sustentamos que a FD preservacionista, cuja memória organiza os saberes pilares da recusa ao CHBM, não para de funcionar, exercendo sua determinação sobre o sujeito. Ela apenas se reorganiza de modo a acomodar outros saberes em seu repertório discursivo. Resulta, portanto, que o

discurso de recusa sofreu modificações que operaram deslizamentos e não derivas dos sentidos. Novos efeitos de sentido impor-se-ão!

Sistematizando o que foi exposto, o EXVPS recupera, pelo viés da memória discursiva, a materialidade simbólica do gesto de Tuíra e o discurso que a ela vem encarnado, qual seja, o da recusa radical ao CHBM, mas operando significativas mudanças nesse discurso, seja pela adição de novos saberes discursivos, tal como exposto no quadro acima, seja pela irrupção de novas posições de sujeito, o que implica a heterogeneização da FD preservacionista. Se estamos considerando a existência de transformações no discurso de recusa radical ao CHBM e a fragmentação da forma-sujeito pelo viés da qual o sujeito discursivo se identifica com a FD que organiza seus saberes, já não é mais possível designar esta última como FD preservacionista, pois desse modo não é possível abarcar os outros saberes que migraram para seu interior desde o interdiscurso. Propomos, portanto, designá-la como FD anti-CHBM, uma vez que assim podemos operar com as diversas posições de sujeito que agora se inscrevem no seu interior, organizando saberes muito distintos oriundos de outros lugares que nela introduzem diferenças, divergências e contradições.

Tais posições de sujeito, ao significar a destruição produzida pelo CHBM, cada qual afetada por determinações ideológicas distintas, absorvidas pela forma-sujeito da FD anti-CHBM, indiciarão mudanças no discurso de recusa que se fazem enxergar no elenco de razões levantadas pelo MXVPS para categorizar o complexo hidrelétrico como usina de destruição e morte.

Figura 10 – Cartaz de protesto do MXVPS



Fonte: Arquivo de fotos do MXVPS

Ao considerarmos a materialidade significativa deste cartaz, perguntamo-nos sobre os complementos elididos dos nomes “destruição” e “morte” que funcionam como qualificadores de Belo Monte. Buscaremos compreender de que modo o conjunto das formações ideológicas que determinam aquelas posições de sujeito implicam no trabalho do porta-voz em restituir discursivamente os objetos daquelas elisões que são, a nosso ver, retomadas das diferentes razões por que cada segmento rejeita o projeto. Esta preocupação pontual nos ajudará a compreender as mudanças operadas no discurso em foco. Mas antes, precisamos investigar a conjuntura que permitiu a instituição do MXVPS como entidade representativa dos anseios dos povos da floresta e o consequente aparecimento do porta-voz ao final do EXVPS em 2008.

5. Referências

COURTINE, J. J. *Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos*. São Carlos, SP: EDUFSCar, 2014.

INDURSKY, Freda. *A fala dos quartéis e outras vozes*. Campinas: EDUNICAMP, 1997.

_____. *A fragmentação do sujeito em Análise do Discurso*. In: INDURSKY, F. & CAMPOS, Maria do Carmo (org.) *Ensaio - Discurso, Memória, Identidade n° 15*. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzato, 2000c, p. 70-81.

_____. *A memória na cena do discurso*. In: INDURSKY, Freda (et al). *Memória e história na/da análise do discurso*. Campinas: Mercado de Letras, 2011, p. 67-89

LAGAZZI, S. *A Prática do Confronto com a Materialidade Discursiva: Um Desafio*. In: GUIMARÃES, E. & PAULA, L. (Orgs.). *Sentido e memória*. Campinas: Editora Pontes, 2005.

ORLANDI, E. L. P. *Segmentar ou recortar*. In: *Linguística: questões e controvérsias*. Uberaba, 1984, p. 9-26. (Série Estudos, 10).

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e Discurso – Uma crítica à afirmação do óbvio*. 4ª ed. Campinas: EDUNICAMP, 2009.